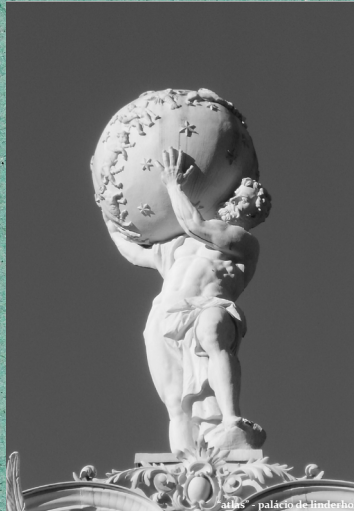


MANUAIS QUE (DES)EXPLICAM



Editora nadifúndio
nadifundio.com

Fortaleza,
Abril de 2021

MANUAIS QUE (DES)EXPLICAM

enadifúndio ©

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis

Esta publicação corresponde ao projeto final do curso *Manuais que Desexplicam: Uma proposta de publicação coletiva* que aconteceu entre os dias 22 de março e 16 de abril de 2021, promovido pelo projeto *Arte Urgente*. Ao longo dessas três semanas, que ocorreram durante mais uma etapa de isolamento social e quarentena por conta da pandemia pelo Covid 19, mergulhamos em referências artísticas, teóricas, conceituais e poéticas conversando sobre verdade, mentira, *fakenews*, os meios de comunicação e os procedimentos no processo criativo das linguagens do design, da arte, da literatura e da publicidade. A proposta do curso era de que, a partir das discussões, cada participante desenvolvesse um trabalho que dialogasse com o contexto atual numa forma de redesenhar e reinventar um sentido no trabalho e na vida diante da pandemia e a sensação de insegurança e medo quanto ao futuro, a normalização do luto e da tragédia enquanto esperamos a vacina e torcemos por políticas públicas que minimizem os efeitos econômicos, sociais e emocionais provocados por esta crise.

Penso nessa palavra “razoável” que compõe o trecho do poema do Manuel de Barros e intitula este texto: admissível segundo a lógica, racional, plausível pela razão, racional, que apresenta bom senso, sensato, sem excessos, que pode ser aceito e que está acima do medíocre. Para além da crise sanitária,

penso nesta outra crise, muitas vezes invisível a olhares mais duros, quando se confunde com cansaço ou tristeza, que é individual mas também coletiva (já passava da hora) e que nos força a pensar sobre que tipo de mundo e sociedade estávamos construindo antes das máscaras (antes?) tornarem-se acessórios corriqueiros, sobre como os caminhos políticos, afetivos e econômicos se redesenham agora, mas mais importante ainda sobre o desafio de pensar mundos possíveis para amanhã ou depois de amanhã.

Kátia Canton (2009) diz que “no momento em que se perde a confiança no excesso de imagens que varre o mundo”, produzidas pelas campanhas publicitárias, nos outdoors que aos poucos vão tomando conta das cidades, “contar histórias se transforma em um jeito de se aproximar do outro e, na troca entre ambos, de gerar sentido em si e nesse outro.” O ato de criar coletivamente, e o de partilhar uma publicação é também uma forma de se pôr em risco, abrindo um espaço comum e jogando com a imprevisibilidade da resposta do outro e com a possibilidade de que algo aconteça. Ou não. Acima de tudo reflete um desejo de abrir uma zona de comunicação nessa localização fronteira entre as linguagens da arte, do design e da literatura e construir estes pequenos territórios de espaço comum.

Além da publicação, também foram pensados alguns *hiperlinks* disponíveis em nadifundio.com/manuais. Os trabalhos compartilham entre si o fato de jogarem com essa disparidade entre a promessa na oferta de serviços ou explicações de modos de operar e o que verdadeiramente entregam em resposta, desafiando os

limites e tornando elásticas as ideias de realidade, ficção, cotidiano e invenção, em diálogo com o que Peter Hill chama de “superficções”, termo utilizado para dar conta de “incursões artísticas com premissas ficcionais que extrapolam os limites usuais entre ficção e realidade. As superficções, por sua vez, não se restringem a apropriar e reprogramar as formas da realidade: faz parte do programa confundir-se com seus modelos, extrapolar os limites entre ficção e realidade e, se possível, compartilhar os mesmos espaços de seus modelos não ficcionais, especialmente através dos meios de comunicação. Fábio Nunes é um artista e pesquisador que tem se debruçado sobre o pensamento de propostas artísticas que atuam no campo das superficções. Em *Mentira de Artista*, o autor ressalta que as mentiras que esses artistas trazem não se resumem ao efeito “trote” que geram, pois além de explicitarem as condições sistêmicas com as quais jogam, dialogam com um mundo de aparências, expectativas e superficialidades, e, tal como a ficção científica, criam modelos capazes de repensar contextos nos quais trafegamos. (NUNES, 2016)

Para além de uma dimensão paródica, as propostas pretendiam gerar estes gestos de interrupção no fluxo cotidiano, convidando o público à participação, oferecendo e ofertando serviços impossíveis, de alguma forma também aproximando as produções artísticas do que sugere a poesia de Manoel de Barros quando diz que “Só dez por cento é mentira (...) Noventa por cento do que eu escrevo é invenção”.

Bianca Ziegler

Cansada das minhas paredes

Luiza Helena Amorim

O sonho que quebra na praia é bonito feito mar

Daiely Gonçalves

Objetos DE Sinventados

John Balbino

Caderno de Des(há)fios

Maria Castro

Pix

Paula Costa

Atlas

Renan Sidney

Inventário de palavras para construir um novo mundo

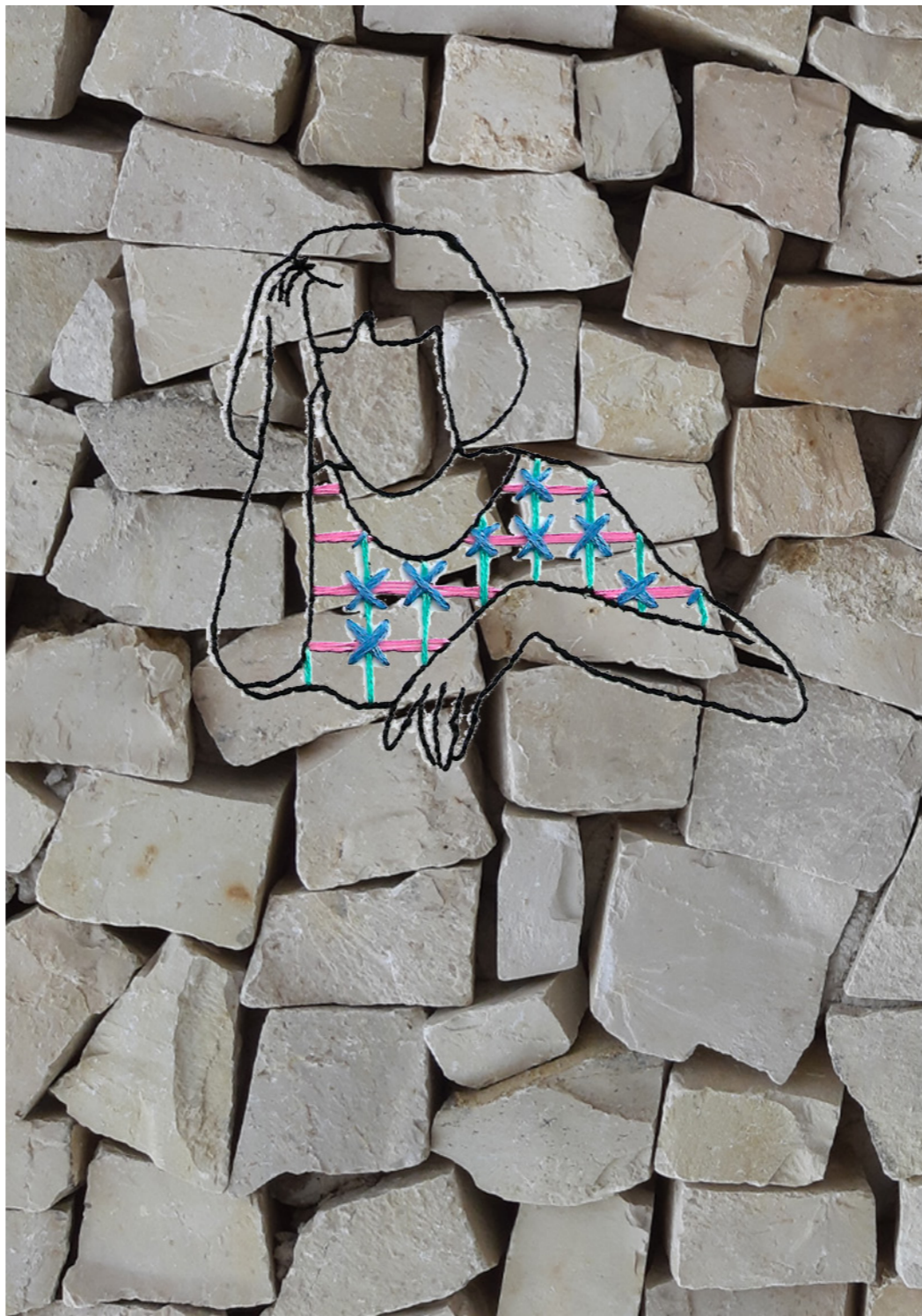
Áurea B

Casa-Museu Gadelha

Andrezza Sampaio

CANSADA DAS MINHAS PAREDES

Luiza Helena Amorim





E quem não está ? As questões políticas que levaram a essa tragédia da pandemia nos consomem, as perdas... Onde foi parar nossa sanidade mental? Quem já atuou como pesquisador, seja produzindo uma Trabalho de conclusão de curso, dissertação ou tese, sabe como é um processo complicado, imagine quando o mundo está um caos, arquivos e bibliotecas fechadas, e a luta diária, mais do que nunca é pela sobrevivência? Como diria a grande filósofa Amèlie Poulain “ São tempos difíceis para sonhadores”.

Faz um favor a si mesmo: para esse texto funcionar, preciso que você pegue uma xícara de café antes de começar a leitura, ou se preferir um chá, um suco ou uma água, sei lá. Puxa a cadeira, se acomoda no sofá ou na rede (melhor ainda!).

Te convido a desopilar um pouco...
Quem sabe tua inspiração chega!

Boa leitura!

1) Sugiro morar dentro de uma gaveta durante todo o processo de realização da pesquisa. Essa experiência quântica e antropológica irá te fazer superior diante dos apelos da TVFlix e de outras distrações. Mestrando que Lattes não morde e consegue chegar ao fim da jornada! A TVFlix que lute...



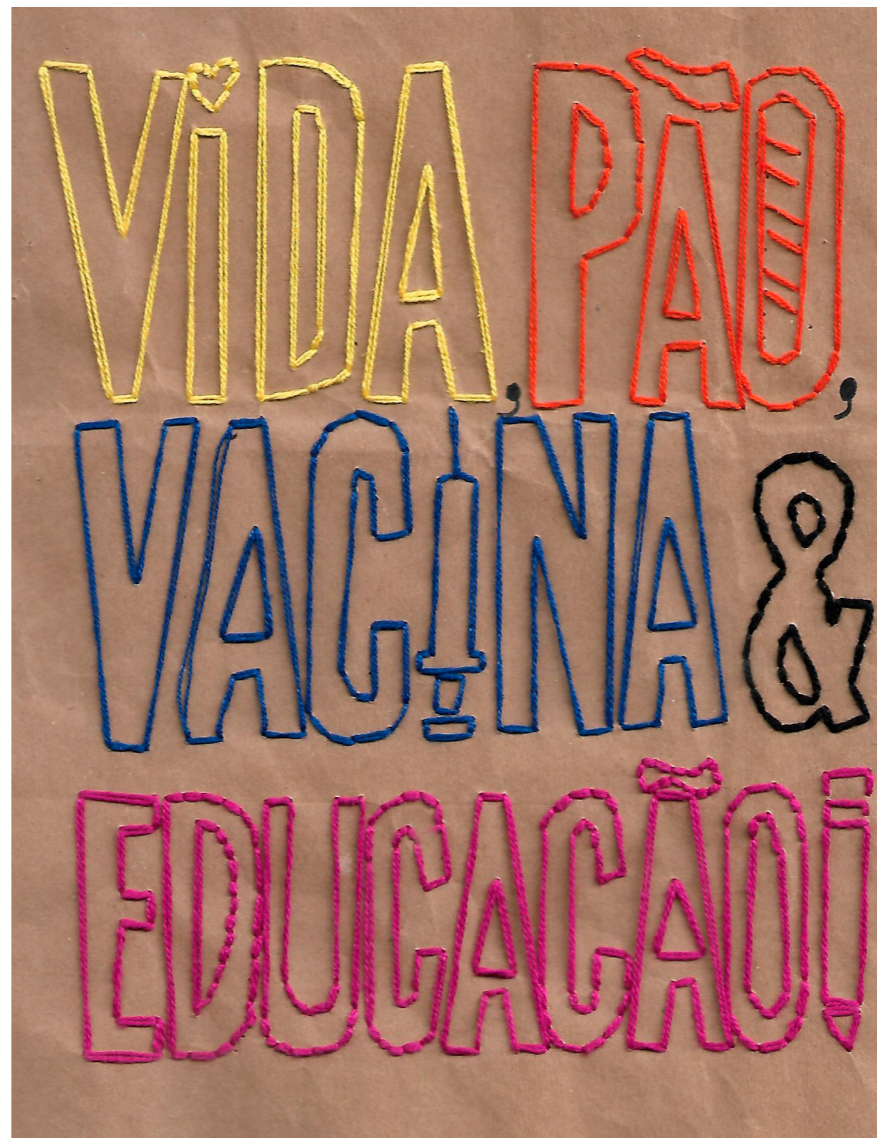


2) Ainda dentro da gaveta procure juízo. Isso vale para guarda-roupas, organizadores com papéis, pasta de documentos física e pastas virtuais, nuvens de arquivos. Só não tenha a pseudo razão que encontrará na cozinha. Brigadeiro traz felicidade, mas não juízo!

3) Quem disse que esse processo é linear? Vá para o ponto 5 e siga as instruções. Já voltou? Promova pequenas revoluções: ponha os livros acadêmicos junto dos de poesia, na mesma pilha ou do lado; e se tiver livros infantis, o efeito ainda é mais intenso. Ponha-os para conversar, organize saraus para a papelada. Podem até arengar, mas, logo farão as pazes. Acumule papéis: ou você morre soterrada ou se acha de vez.



Esse bordado é uma releitura do cartaz da Jornada de Lutas Vida, Pão, Saúde e Educação promovida pela Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG), União Nacional dos Estudantes (UNE) e União Brasileira dos Estudantes)



4) Seja produtivo: reserve uma hora, por dia, todo dia, para falar mal do pandemônio, reclamar da pandemia, protestar nas redes sociais, alertar sobre as fakenews... Depois, cuide da saúde mental! Procure janelas onde possa fazer pequenas fugas diárias: veja o pôr do sol, procure passarinhos cantando... Compre a plantinha mais maltratada do supermercado e cuide dela. Matricule-se em cursos virtuais diversos: aprenda haikais, xilogravura, ópera, bordado, o que for para despertar tua criatividade! Volte para o ponto 3.

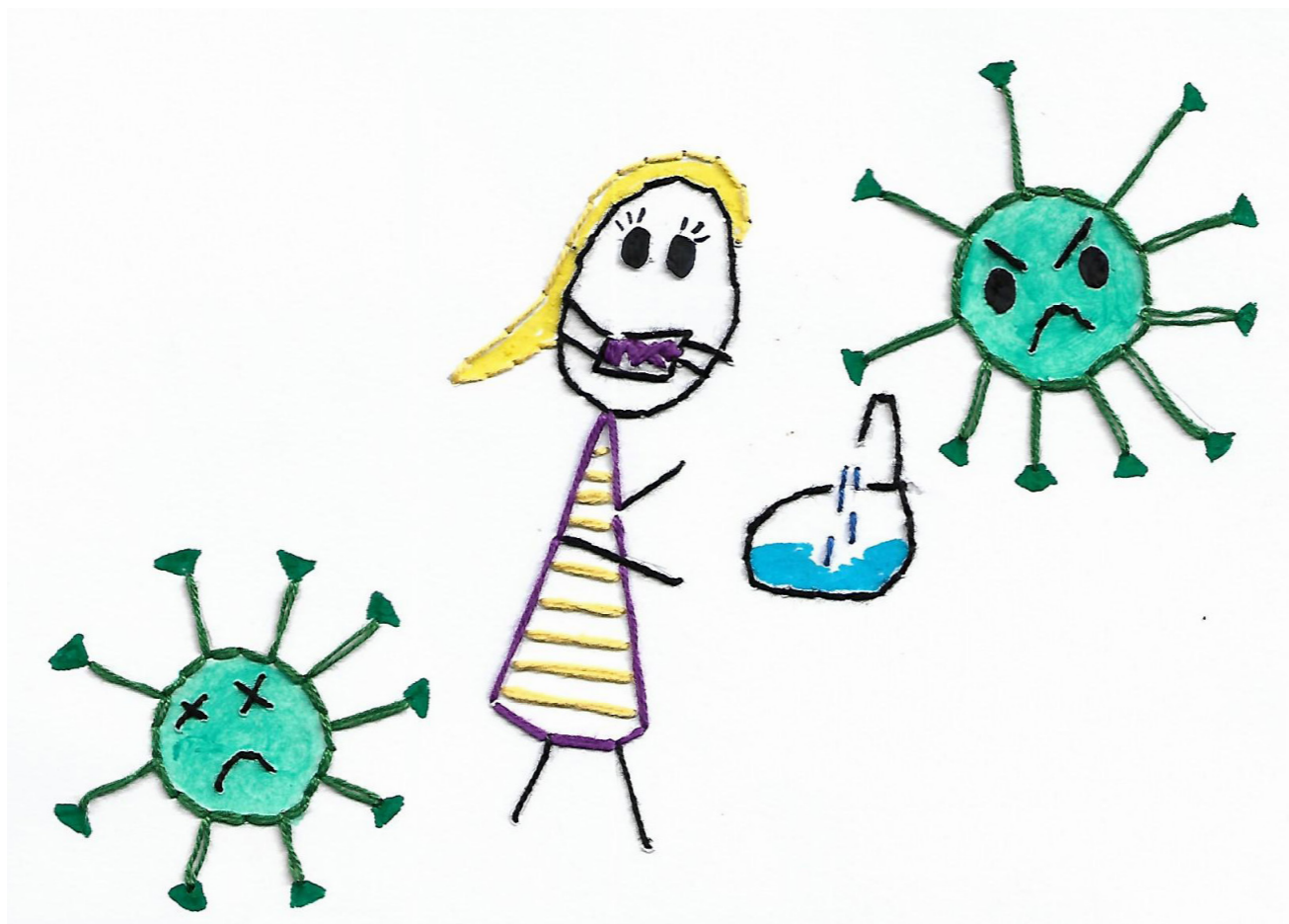
5) Reserve uma caixa de chá, preferencialmente de camomila azul das montanhas da Baixa da égua. Se não tiver, pode usar a de flor furtacor do Borogodó, que certamente você tem na sua dispensa. Entre dentro dessa caixa, caso chegue visita na sua casa, principalmente se estiver sem máscara. Fique em casa, use máscara e defenda o SUS!



não

estou

aqui



Bordado feito a partir de desenho da minha filha Clarice, de seis anos, minha fonte de inspiração para viver e sonhar)

E se guardássemos a memória dessa trajetória de pesquisa em um potinho, que objeto você preservaria? Conheça narrativas sobre a história por trás dos objetos de pesquisadores de todo o mundo. Colabore com o conteúdo do *Museu Afetivo dos Pesquisadores na Pandemia (MAPP)*, uma iniciativa premiada pelo *Conselho Internacional de Museus (ICOM)* e pela *Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)*.

Visite: nadifundio.com/museu

O SONHO QUE QUEBRA NA PRAIA É
BONITO FEITO MAR

Daiely Gonçalves



Para ter sonho não é preciso ir longe não.



Quando fui ao mar lembrei do gosto da vida.



Que é diferente do gosto daqui.

Aqui onde tudo já foi mar, a gente apenas dança com os pés na terra. Tem dias que se joga o corpo, e então, ele rola na terra que é da cor da pele da gente, depois batemos forte o pé no ritmo dos ventos.

Sempre Desejo sonhar, mas disseram que isso não era meu. Mas por pura diversão sonhei com aquele dia que o mar molhou meus dedos em uma praia onde só tinha eu e mais cinco gatos pingados ainda sonho com o caldo que tomei com ele e dele.

Sempre me lembra as montanhas daqui e os sonhos que sonho aqui também, tem sonho que a gente carrega na sola dos pés, é um sonho que nomearam pé no chão, típico de pessoas sólidas que não saem da terra.

Optei por não ter pé no chão, meus sonhos sobem em árvores, rios, pedras e vento, e um dia se foi com o vento, se semeou em algum lugar por aí, penso que o recolhi em vários lugares, é como uma diversidade de frutas, que em cada lugar tem um nome e pode mudar de gosto. mas senti que o sonho que se avoou daqui foi parar no mar de lá. por isso disse que mar tinha gosto de vida, de toda vida que sonhei e também achei lá, penso que quando Dorival escreveu a musica ele quis dizer o - sonho quando quebra na praia é bonito - o sonho e ele vai e volta que nem a onde as vezes pequeno outras vezes grande ele vem também cheio de braveza é cheio e vazio, alimento o mundo e o desejo da vida.

OBJETOS DESINVENTADOS

John Balbino



DESinvenção dos objetos

Banqueta Cuzcuz

 OBJECT
objetos *DES*inventados



Encontrei uma banqueta na promoção em uma loja. "Esquisita", mas achei bonitinha, tive vontade de levar. Perguntei ao vendedor se era um Design assinado.

Não!

Depois, envergonhado, me perguntou do que se tratava a tal assinatura.

Pensei: Quem assina é quem deveria sentir vergonha.

(Autocrítica de DESigner DESiludido)

Examinei a etiqueta localizada no fundo:

"Fabricado no Brasil". Menos mal!

Se fosse na China já teria que vir acompanhado com um saco de lixo.

Pensei: R\$ 19,90... Vai ficar legal na minha varanda!

Tem mais?

Não!

Rapaz, é bonitinha mesmo...

Vou levar!

No caminho de casa pensei:

Porra, tu já tem um monte de coisa em casa, véi...
...dou de presente!

Ah, já sei...

Vó!

Já tem um tempo que não ando em Vó.



Na casa de Vó:

Vó!

Oi?

Presente!

Ela olhou o objeto minuciosamente e disse,
na lata:

Valha, esse assento é mesmo que tá vendo
um Cuscuz...kkkkkkkk
(Rapaz, a Vó se liga na Gestalt, Óh!)
Tá com fome? Vou fazer tapioca!
Não, Vó! Faz cuscuz!
Dá mais trabalho, mas vou fazer...





Vó tem razão... Cuscuz dá um trabalho da peste pra fazer, égua!!!
Por que será mesmo que ninguém nunca pensou em fazer um negócio mais fácil de fazer Cuscuz?

Porra, tu é designer.
(É tu quem resolve essas paradas!)



Sentado à mesa, observando Vó fazer o cuscuz e namorando a tal banqueta com...

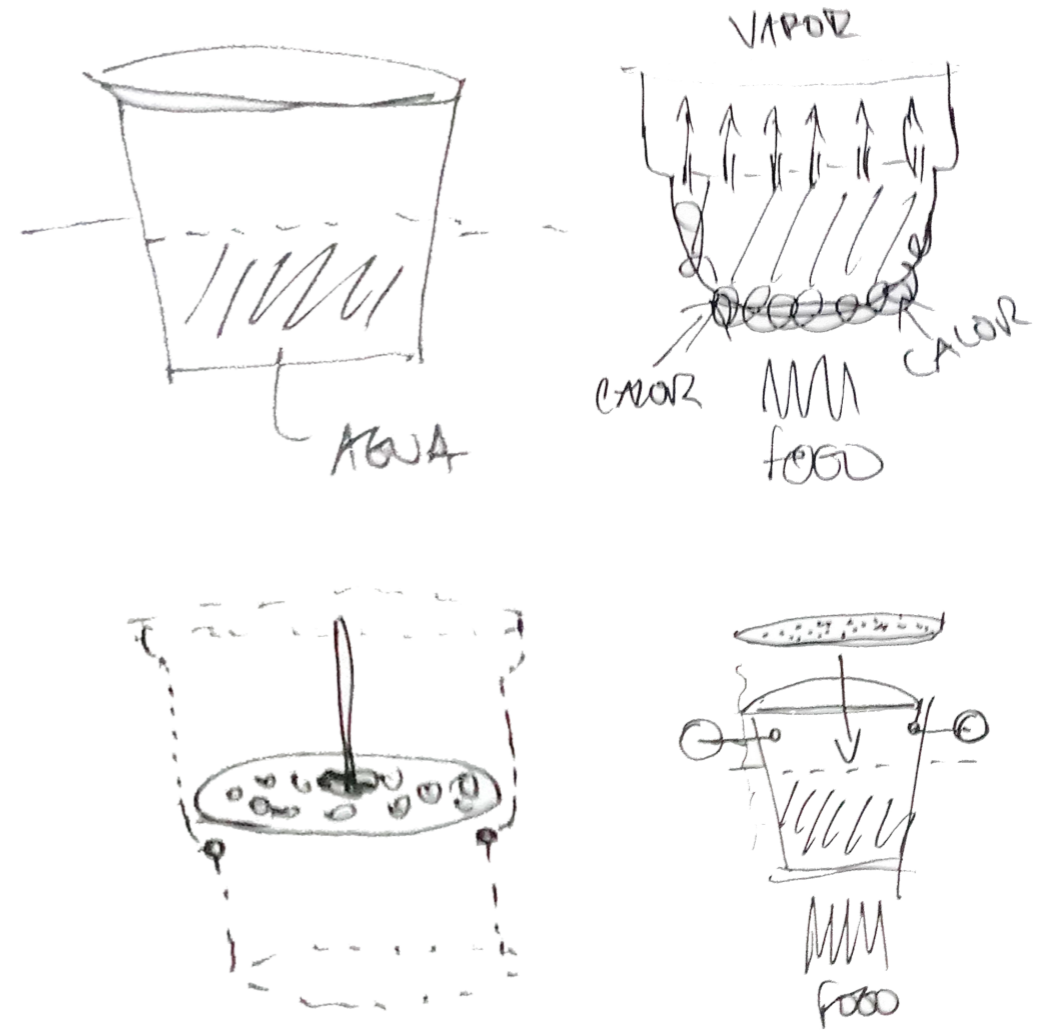
(Papel, lápis...)

Processo criativo:

- Problema, necessidade, função, forma... será que já tem uma porra dessa em algum lugar do planeta? Não, no Google fotos só mostra o jeito que Vó faz: Uma panela cheia d'água e uma toalha de pano.
- Público alvo: Um monte de Vó igual a minha...
- Conceito: Panela de casa de Vó,
- Material: material de panela (que aguente calor) Alumínio. Madeira ou plástico no cabo (pra não queimar a mão).
- Função: bacia (recipiente para água) + peneira = panela de fazer cuscuz

Ideias: rabiscos, rabiscos...
Modelo: desenhos...

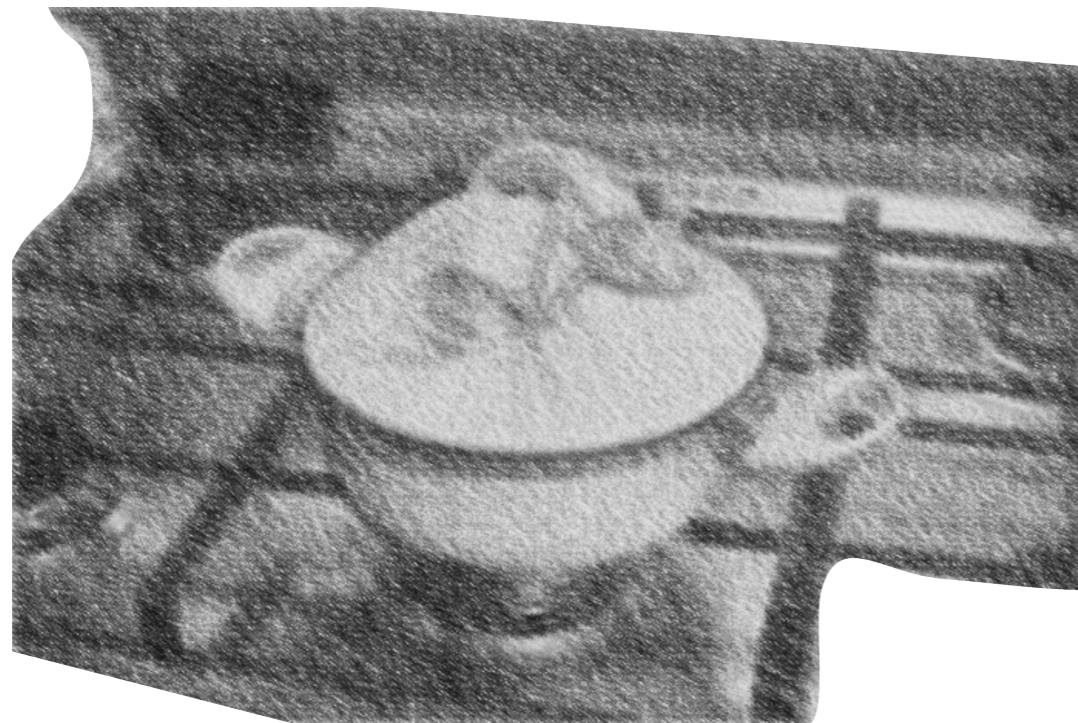
“Êxtase do processo criativo
de design”.





Funcionamento:

- A água aquece na bacia,
- vapor passa pela peneira e aquece os flocos de milho umedecidos,
- a tampa mantém a temperatura,
- Uma pequena parcela do vapor escapa pela pequena fresta, pra não virar uma "bomba" !!! kkkkkk



Vó:
"Meu filho, olhe se já tá cheirando!"

Tá, Vó!
Pois, apague!
Apaguei!



Na mesa com vó, comendo aquele cuscuz
delicioso.

O que é isso meu filho? Aqueles desenhos que você faz?

É, Vó!

Ficou bom, entendi!

Entendeu?

Sim, é pra fazer cuscuz, né?

No ano de 2009, o designer cearense "John Balbino" criou a "cuscuzeira", um tipo de panela própria para fazer o tradicional cuscuz, o prato mais querido da culinária nordestina. Balbino afirma que a inspiração para a cuscuzeira veio de uma banquetta, que em um inusitado dia, presenteou a sua avó Maria. Segundo ele, ao ver a banquetta, Dona Maria identificou uma forte semelhança entre o seu assento de estofado amarelo e o cuscuz. Este foi o insight para a sua criação.

A cuscuzeira é hoje presença certa em praticamente todos os lares nordestinos e até brasileiros. Sua funcionalidade tornou-se incontestável. Estima-se que desde 2010, ano que iniciou a sua produção em série, já foram vendidas mais de 10 milhões de cuscuzeiras em todo o Brasil e em outros países. Ela também foi premiada nos maiores concursos de design brasileiros e internacionais.

Fonte: www.desiventandoobjetos.com.br

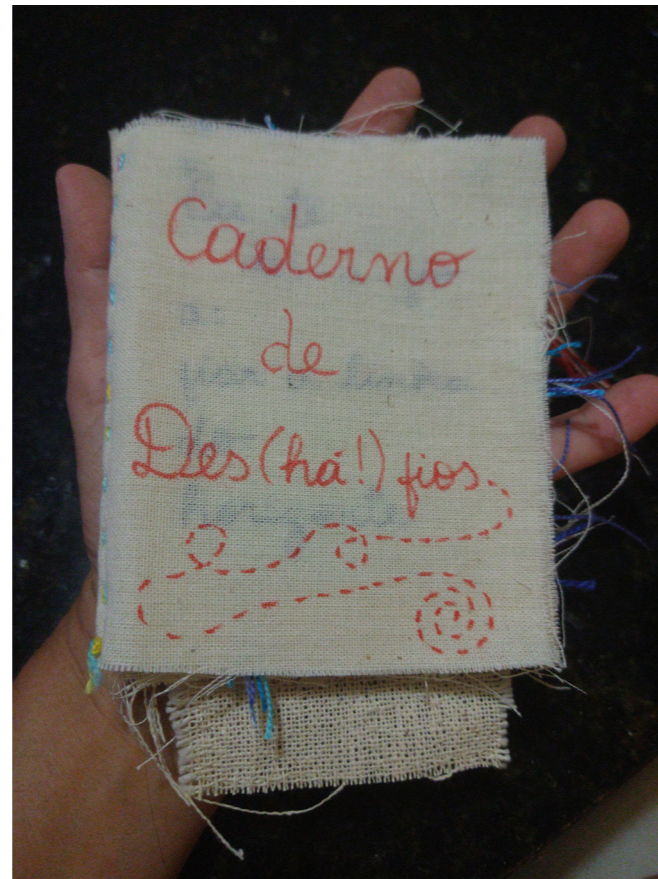


CUSCUZEIRA
John Balbino (2009)

CADERNO DE DES(HÁ)FIOS

Maria Castro

As linhas da mão, os fios,
por onde te levarão?



Eu te

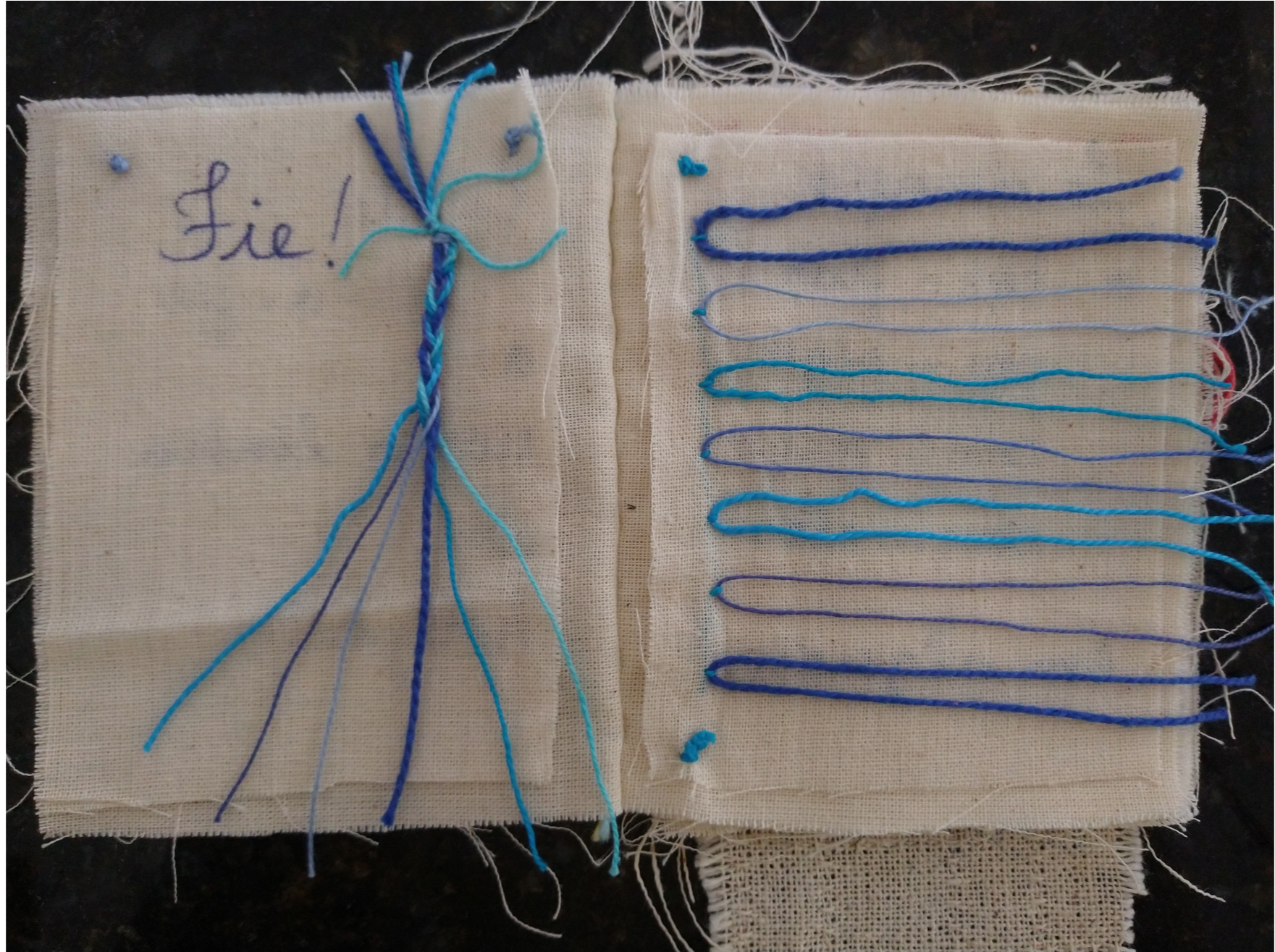
des-a-fio

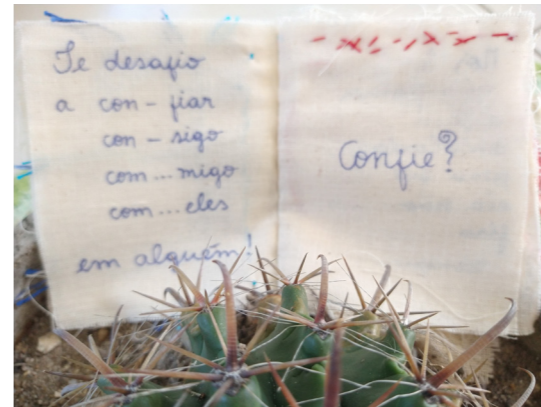
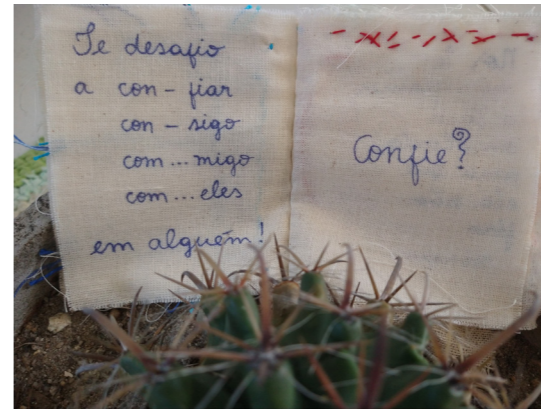
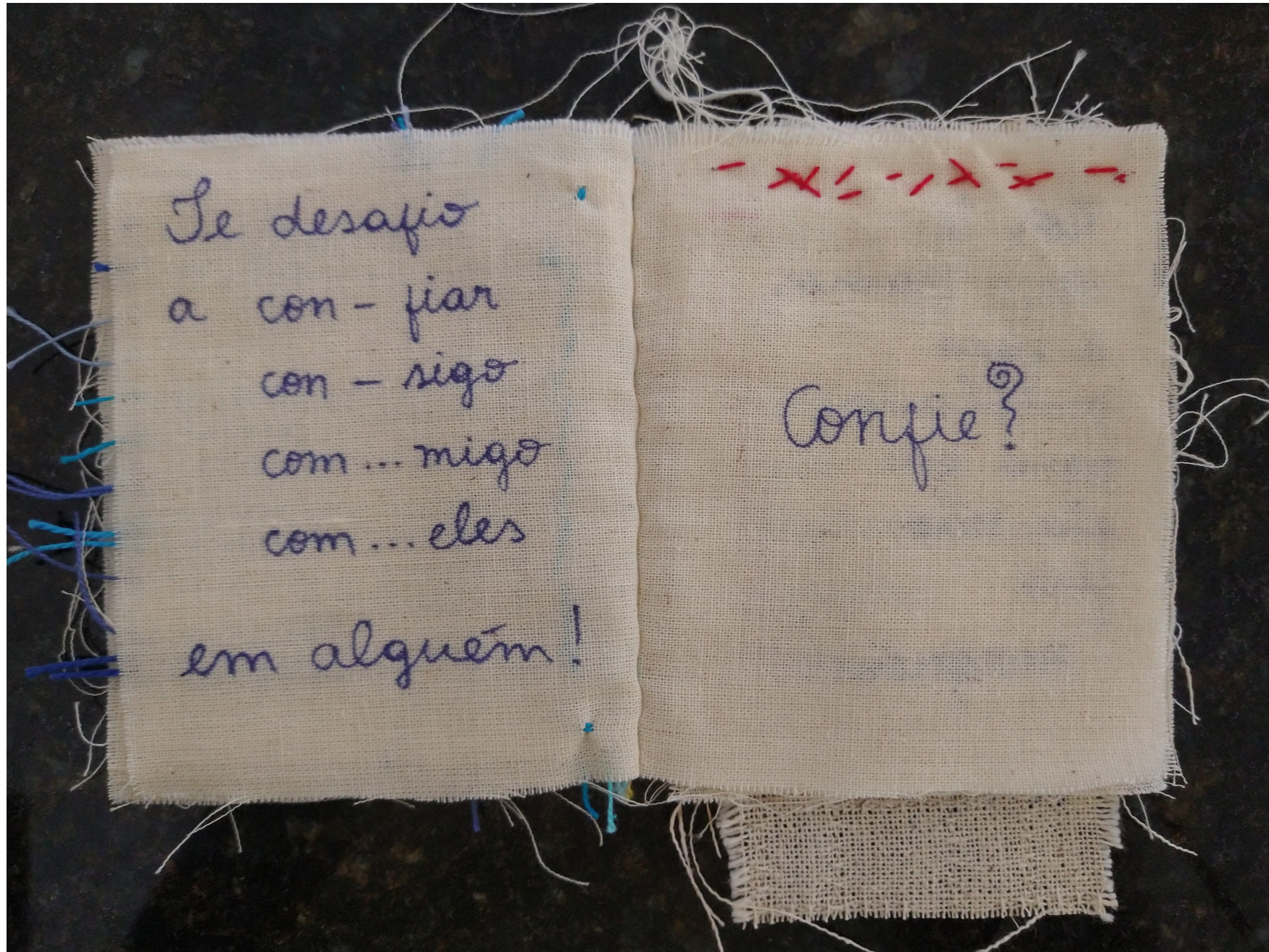
a:

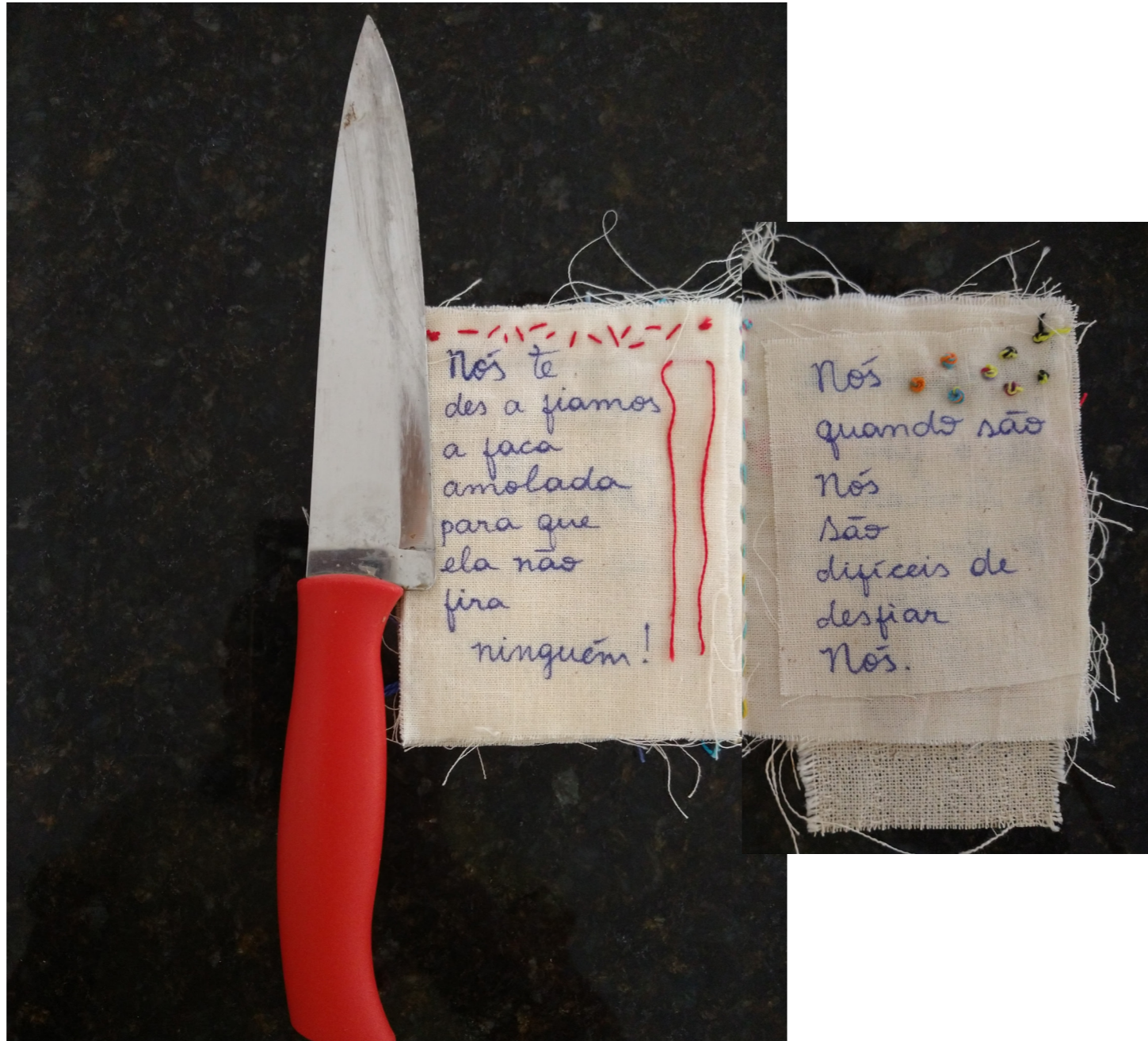
fior a linha

do

horizonte



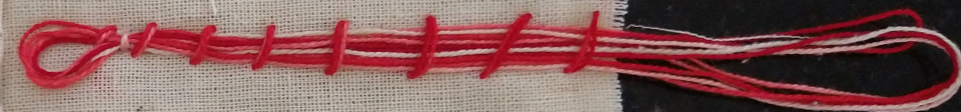


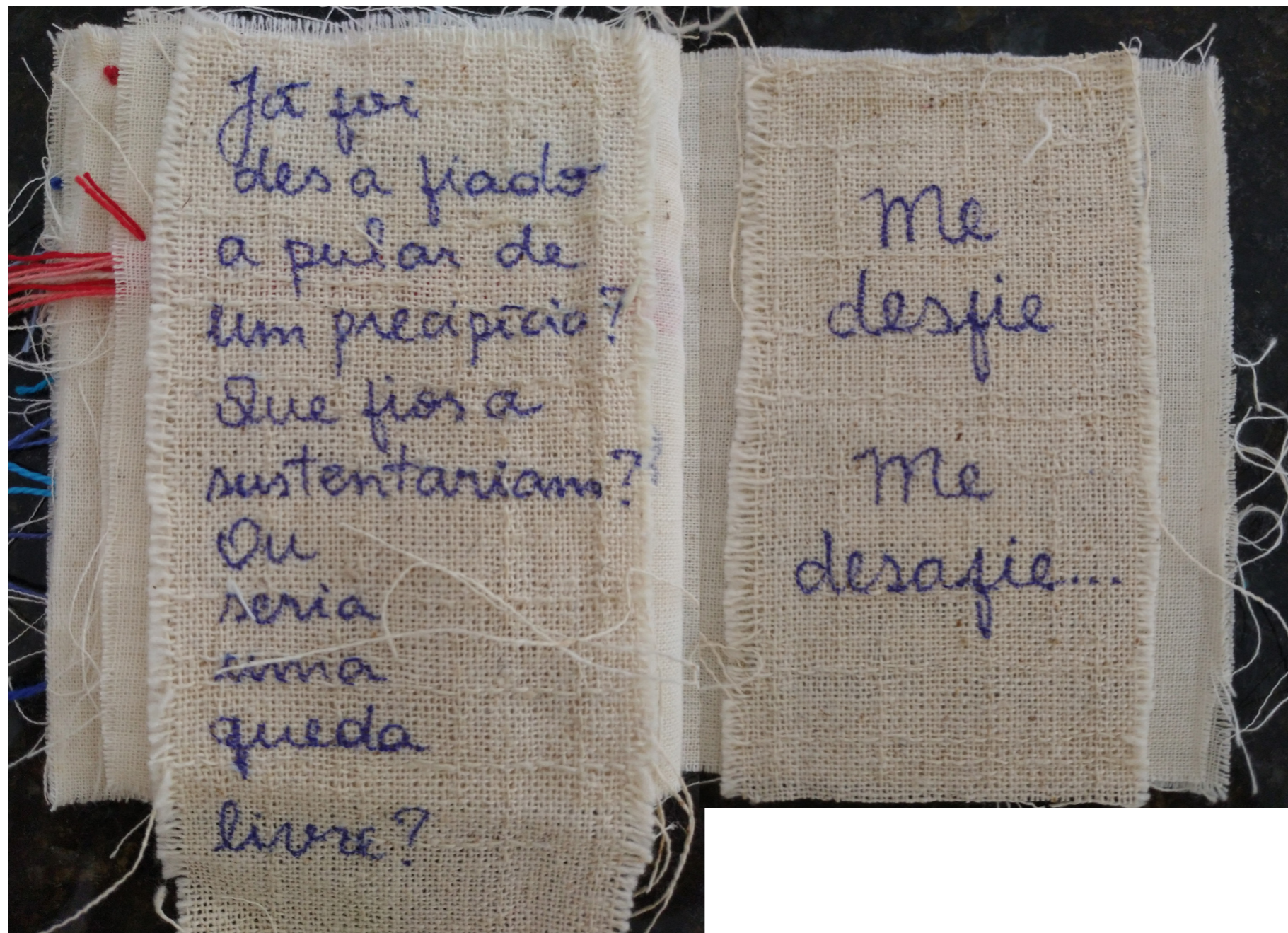


Quem um dia
te
des a fiou
a linhar
o teu
coração?

Alinhou?

Desalinhou?





Por
um
fio

Fie
Desfie
Corra
Percorra
Trace
Ace
Aço
Borde em aço!
Mas confie
no seu traço!



PIX

Paula Costa

**AJUDE
A
ARTISTA
NUNCA SE SABE
O EDITAL DE AMANHÃ**

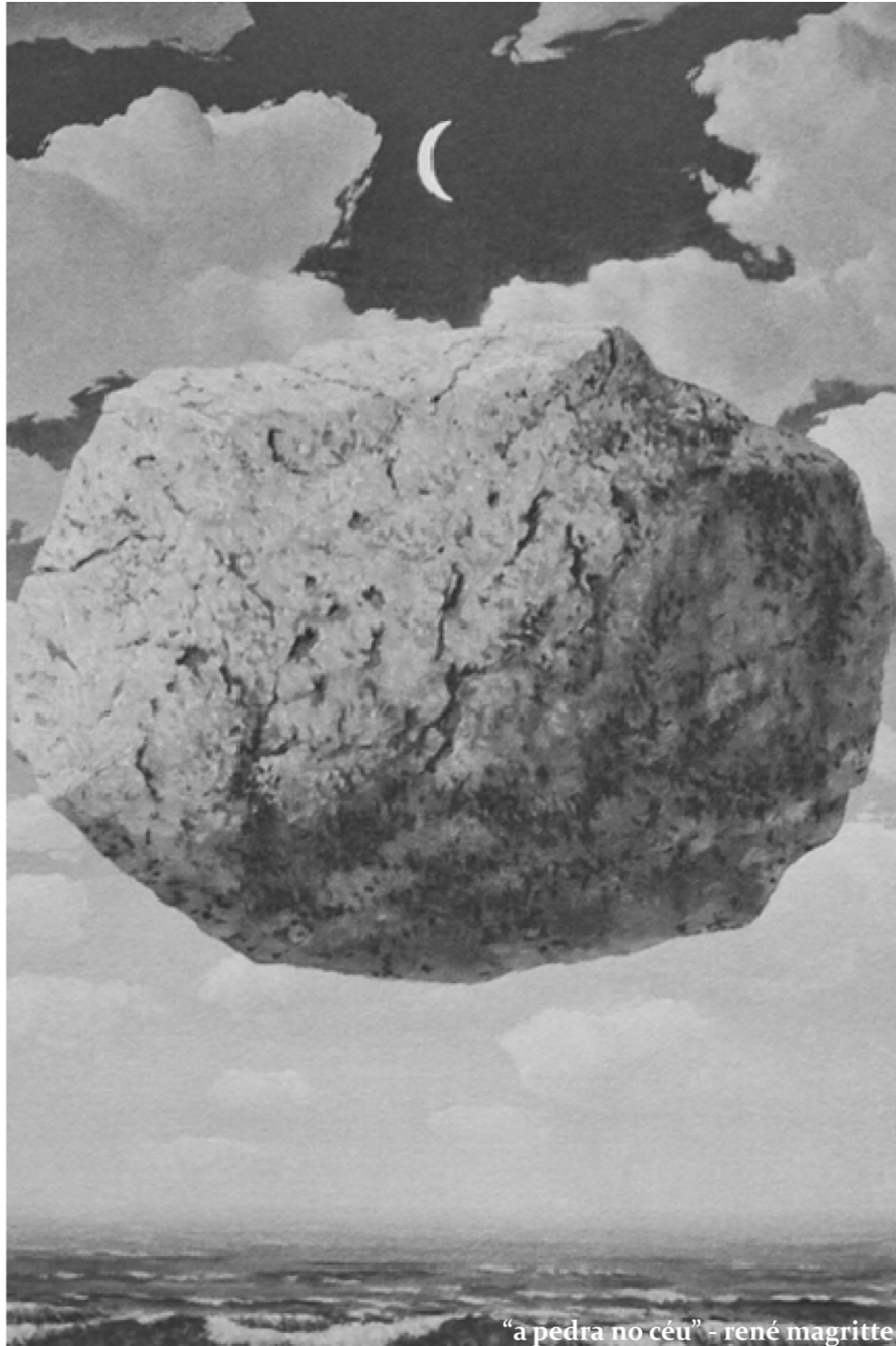


ATLAS
Renan Sidney



Atlas

“atlas” - palácio de linderhof



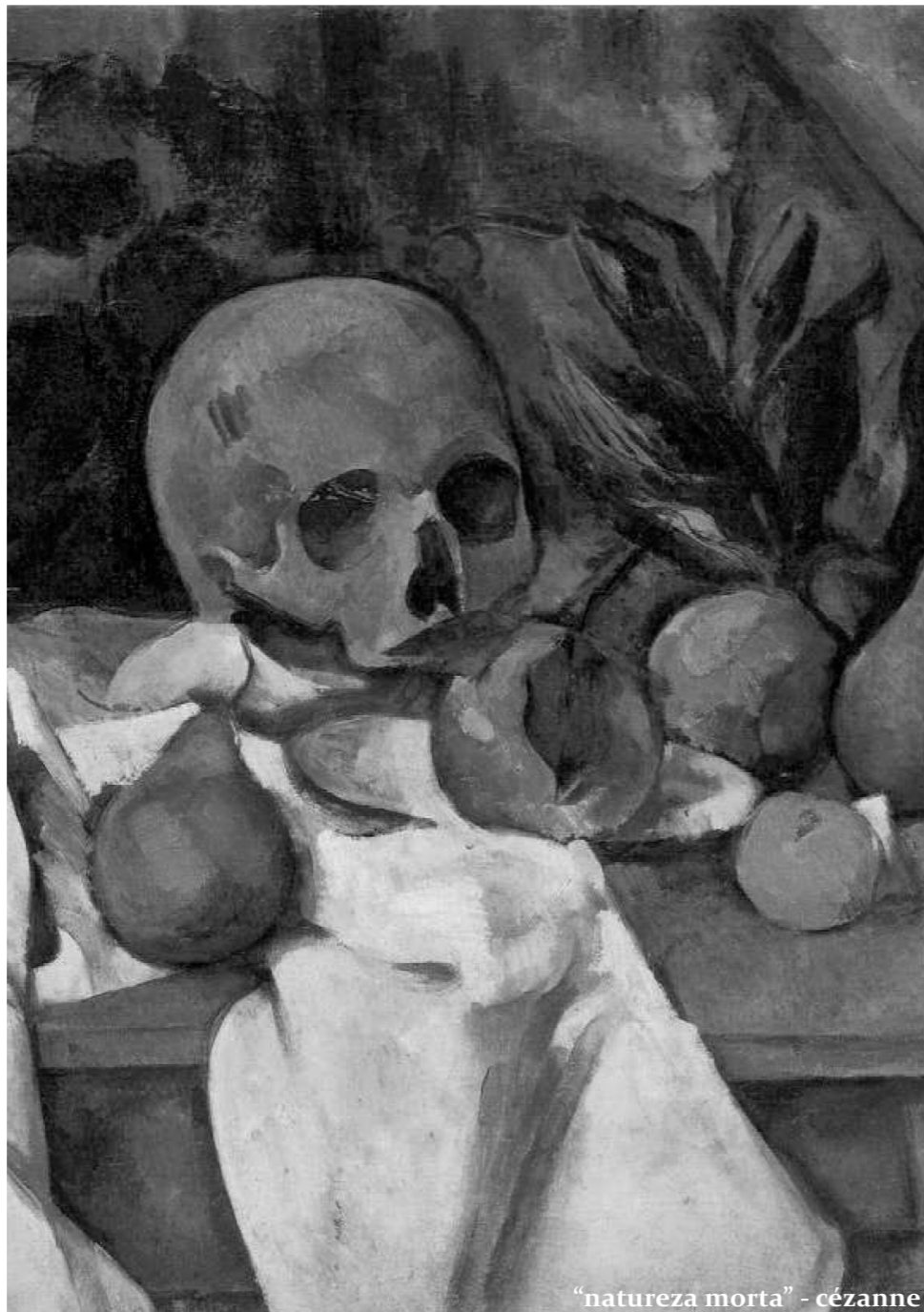
“a pedra no céu” - rené magritte

**quando *a pedra no céu*
paira sobre mim
sinto sua pressão
desmaiar sobre minhas
costas**



“o grito” - munch

quando a pedra no céu
paira sobre mim
eu sou *o grito*
eu sou o meu próprio
grito



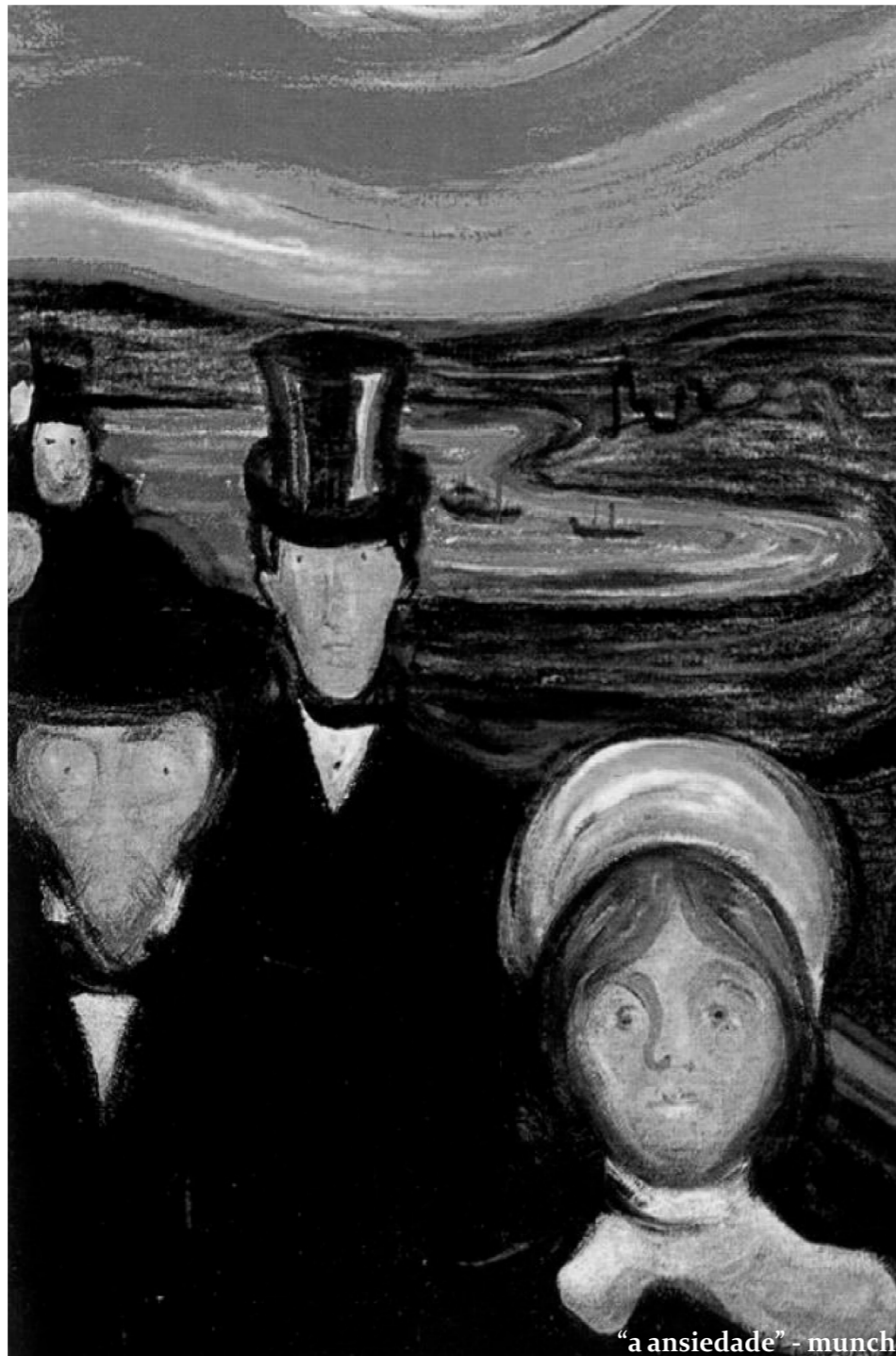
“natureza morta” - cézanne

Quando tento me
chamar
Pelos meus mil nomes
mas já estou longe
e minha *natureza morta*



“retirantes” - portinari

sinto como os *retirantes*
famintos
desfalecendo
sobre sua revolta



“a ansiedade” - munch

quando a pedra no céu
paira sobre mim
sinto que não é *ansiedade*
é apenas neoliberalismo

INVENTÁRIO DE PALAVRAS PARA
CONSTRUIR UM NOVO MUNDO

Área B

Para construir um novo mundo é necessário primeiramente inventá-lo. Inventário de palavras para construir um novo mundo propõe inventar o significado das palavras geradoras desse novo mundo. Quais palavras não podem faltar no alicerce desse mundo em construção e quais sentidos elas podem ter?



VOLUME ZERO

Amor: aquilo que ninguém
conhece, mas todos julgam
conhecer em profundidade.

Liberdade: asas da Alma
quebrando as correntes que
aprisionam o corpo.

Sonho: aquilo que cria e
alimenta as asas da Alma.

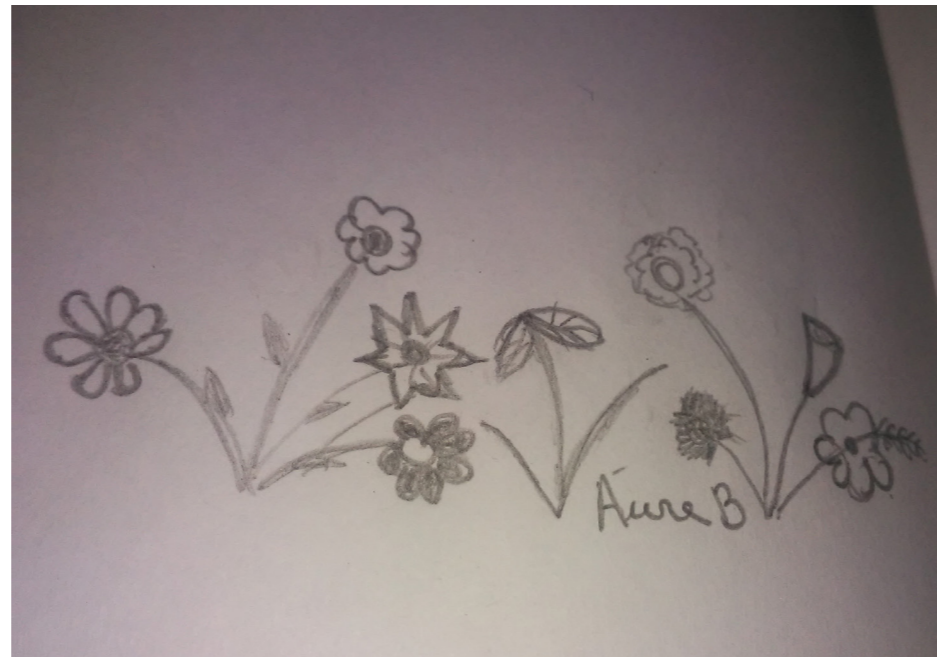
Criatividade: o voo da Alma.

Utopia: onde nasce o novo mundo.

Diversidade: todos possuem lugar ao sol.

Construção: alicerce do amor.

Poesia: canção do coração que cura a alma.



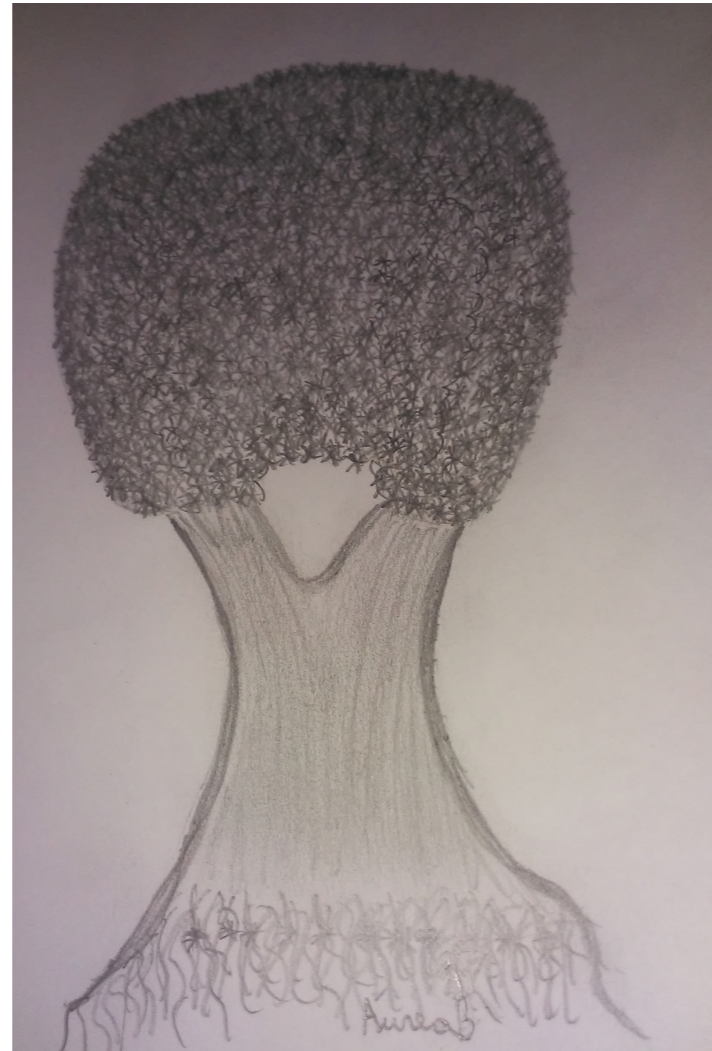
Arte: liberdade de cantar
fora das gaiolas.

Educação: encontro que
enriquece.

Política: Ser responsável por
seu atos.

Compaixão: ver com os olhos
do coração.





VOLUME UM

Natureza: mãe de seios
fartos e colo quente

Alimento: pedaços de sonhos
cozidos preparados pela
Natureza.

Sol: brilho do coração que
acende o futuro.

Lua: madrinha dos loucos,
poetas e visionários.

Fogueira: lugar das reuniões mais importantes.

Casa: esfera de luz azul que abriga a todes.

Caminho: o desenho de suas pegadas. Cuidado aonde pisa!

Diálogo: onde nasce a paz.



Resiliência: aprender o
bailado das folhas.

Acolhimento: ser o próximo
do outro

Comunidade: verdadeira
família.

Amigos: aqueles que
compartilham do mesmo
DNA do nosso coração.



CASA-MUSEU GADELHA
Andrezza Sampaio

CASA-MUSEU

O casarão em tons de rosa e estilo rural romântico, cheio de salas e janelas sempre me pareceu um mini castelo. Seus objetos de madeira tão organizados me levavam a outro mundo, um que não exigia tecnologias, só brincadeiras ao ar livre e tempo de admirar as pequenas coisas ao redor.

Tudo no casarão remete a um museu, os espaços bem delimitados, os objetos que se vê em antiquários e a decoração cheia de história e cultura.

O colecionismo dos diversos objetos, como livros, pinturas, relógios, móveis, desenhos, esculturas e nautimodelismo, se dá ao interesse da manutenção e preservação da história que Verônica e Descartes Gadelha possuem. O acervo dessa casa-museu teve sua formação iniciada na década de 1960, durante o noivado do casal, e até hoje continuam incorporando peças.

1 ARTE

2 RELIGIOSIDADE

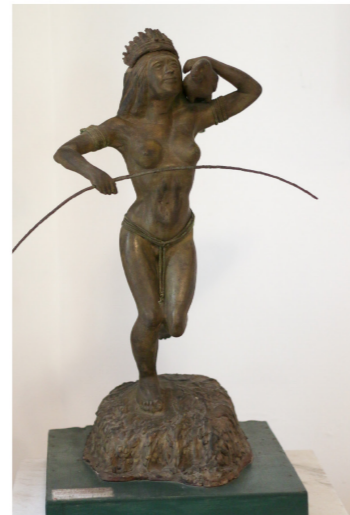
3 LOUÇAS

4 MOBILIÁRIO

5 RELÓGIOS

1





Escultura Iracema

Escultura de resina inspirada na personagem feminina, Iracema, criada pelo romancista José de Alencar.

A obra é um estudo do artista Descartes Gadelha.



A obra Verônica, pintura óleo sobre tela, de 21 de dezembro de 1970, foi o presente de casamento de Descartes para Verônica.



2

Pia de água benta de pedra sabão, é suporte para água benta esculpido em monobloco de pedra sabão.

Coleção de esculturas em madeira de santos oriundas em sua maioria do nordeste do Brasil e do estado de Minas Gerais.





Cadeira genuflexório em madeira entalhada. É uma peça de mobiliário de capelas e oratórios, com assento móvel em palhinha e local onde se flexionam os joelhos em oração.

3



Coleção de pratos de porcelana com peças do Brasil e da Europa. A coleção é datada pelo matrimônio, na década de 1970.



Coleção de xícaras de porcelana iniciada na década de 1960, com o noivado do casal.



Poltrona Estilo Austríaco do século XIX. Feita de madeira entalhada e envernizada e palhinha.





Lustre antigo de cinco tulipas vidro com acabamento de latão, que data da década de 1920.

5



Relógio carrilhão de mesa estilo chapéu napoleão. Feito de madeira entalhada e envernizada.



Coleção de relógios de parede de diversas épocas e estilos, iniciada aproximadamente em 1970.



Curadoria e Fotografia
Andrezza Sampaio

Luiza Helena Amorim é jornalista, mestranda em História Social. Gosta de rabiscar palavras e sonhos, mesmo nesses tempos de desesperança. Enquanto espera virar jacaré escreve uma dissertação sobre o Minimuseu Firmeza. Tal como Manoel de Barros, aprecia despropósitos, e pensa em “renovar o homem usando borboletas”... Tem um perfil no Instagram, o @des.lembraamentos, onde compartilha conteúdos sobre patrimônio, história e arte.

Renan Sidney é estudante, bicha, trabalha com arquitetura e urbanismo, escreve poesia, adora plantas e tenta sobreviver à distopia brasileira. Está sempre disposto a qualquer proposta e acredita que as coisas se buscam mutuamente, ainda que não saibam.

Maria Castro é filha do sertão nordestino, prima de Graciliano, cheia de veredas... Borda, costura, fia, tece, ilustra, escreve, ensina e atua. Acha é pouco! Na imanência da vida, encontra-se agora como fundadora e gestora da Pé de Pano Espaço de Artes, menina arteira que é! Observa a vida pelos fundamentos Steinerianos, busca ciências profundas (e às vezes ocultas) e é investigadora das manifestações humanas. Começa nela mesma. E não termina...
Esse fio da vida ela trama bem d e v a g a r i n h o . . .

Áurea B: poeta gestada por necessidade e parida pelo desespero de existir, narradora da vida, agitadora cultural, feminista, ativista LGBT, artesã, xilógrafa, historiadora, agroecologista, terapeuta holística, e construtora de sonhos e novos mundos. Contato:britoaurea44@gmail.com

Andreza Sampaio é apreciadora das artes. Tem 26 anos, é estudante de psicologia, com interesses e habilidades artísticas, principalmente relacionadas a artes visuais, como fotografias, desenhos e pinturas, o que a motiva se especializar mais no assunto, através de cursos. Chegou a participar de exposições coletivas. É colecionadora de antiguidades, o que a faz, também, grande admiradora e estudiosa de museus. @andrezasampaio

Daiely Gonçalves, Contagem (MG), é Artista Visual e artista-educadora. Cresceu na cidade de Contagem e em suas andanças por Belo Horizonte e interior de Minas Gerais, em constante observação dos corpos que habitam essas cidades e as histórias que carregam esses corpos. Volta-se sempre a cenas ritualísticas cotidianas, rituais de afetos, rituais do ócio e do íntimo e corpo. Vinda da palavra (mãe) e ferramentas (pai), se movimenta na firmeza das histórias que observa e traduz em palavras e suportes variados, os ritos de linguagem e expressões, os sopros e coreografias das memórias e alteridades dos sujeitos e os lugares habitados de todos esses sujeitos.

Paula Costa é atravessada pelos ruídos rurais e urbanos que entrelaçam suas vivências, é colecionadora de conversas alheias e a artista pedindo ajuda.

John Balbino possui Graduação em Design (UFCA), Formação Pedagógica em Artes visuais (UNOPAR). É mestrando em Artes (PPGArtes/IFCE), pesquisador no Grupo Meio Fio de Pesquisa e Ação (IFCE) e associado na Associação Ceará Design (ACD). Atua como designer de mobiliário autoral, designer de mobiliário sob medida, designer de interiores, lighting designer. Acredita que tudo perde o sentido quando se mistura poesia e fotografia, arte e design. Nas horas vagas escreve roteiros de cinema sobre histórias reais baseadas em fatos fictícios.

o conteúdo desta publicação,
baseada em fatos reais, é fictício.
qualquer semelhança com a realidade
é mera coincidência.

+ em nadifundio.com/manuais

u m m a n u a l
p r á t i c o
q u e e n s i n a
c o m p r o v a d a m e n t e
a m e l h o r
m a n e i r a
d e n ã o s a b e r n a d a
s o b r e t u d o